

EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO  
DE JOSÉ MARÍA ARGUEDAS: O PACHACHACA SOBRE  
A MODERNIDADE LATINO-AMERICANA

Romulo Monte Alto\*

RESUMO:

*Este trabalho buscou proceder a uma análise crítica do último livro de José María Arguedas, El zorro de arriba y el zorro de abajo, a partir da hipótese de que o romance se traduz como o relato da travessia de um povo em direção a um outro período de vida, não apenas espacial, mas principalmente temporal, da tradição rumo à modernidade.*

PALAVRAS-CHAVE: *José María Arguedas, zorros, modernidade, pachachaca, América-Latina*

*El zorro de arriba y el zorro de abajo* é um relato sobre os conflitos resultantes de um processo de migração massiva, ocorrido em uma cidade da costa peruana, Chimbote. Essa cidade experimentava um momento de expansão econômica em razão da instalação de várias indústrias que produziam farinha de peixe, a partir da pesca de anchoveta [uma espécie de sardinha] que realizavam, na baía daquela região, os milhares de trabalhadores e serranos que por ali chegavam diariamente; paralelo a esse relato e entrecortando seus capítulos, encontramos vários trechos de um diário escrito pelo autor, onde se misturam confissões pessoais, seja sobre seu desejo de suicídio (que aparece logo na primeira página), seja sobre suas experiências da infância entre os índios e mesmo algumas orientações para seu velório e enterro, passando por comentários e polêmicas com outros escritores, além de conformar um certo tipo de registro do processo de escrita do livro. Os zorros são duas raposas tomadas da mitologia andina, de um texto da tradição oral quechua que foi compilado por Francisco de Ávila no século XVI e traduzido por Arguedas, em 1966, com o título de *Dioses y hombres de Huarochirí*.

\* Mestre em Teoria da Literatura, 1999.

O termo *Pachachaca*, definido metaforicamente como "puente sobre el mundo" (ponte sobre o mundo), aparece em *Los Ríos Profundos*, romance que, ao ser publicado em 1958, confirmou o definitivo reconhecimento literário de Arguedas. Na realidade, o rio Pachachaca descia da serra na região de Abancay, sul do Peru e, de suas margens, os espanhóis haviam estendido uma ponte que, junto ao rio, era motivo de espanto e regozijo para o menino Ernesto, personagem principal daquele romance em quem Arguedas verteu grande parte de suas lembranças da infância. Seu ruído, sua plantação ribeirinha, a força das águas, e principalmente a ponte, renovavam em Ernesto seus desejos de resistência contra a forte aculturação que sofria na escola católica, onde seu pai o havia deixado para que o iniciassem nas letras hispânicas. O rio representava o espírito da natureza que haveria de vencer, com "suas águas vencedoras", a marcha da civilização ocidental sobre a cultura quechua e significava, para o garoto, a esperança da resistência: "¡Como tú, río Pachachaca! ¡Hermoso caballo de crin brillante, indetenible y permanente, que marcha por el más profundo camino terrestre!" (Arguedas, 1995: 233)

O que torna *El zorro de arriba y el zorro de abajo* tão dramático é o fato de o autor ter disparado dois tiros na própria cabeça, em sua sala na Universidad Agraria de la Molina, numa sexta-feira, 28 de novembro de 1969, logo após redigir uma *Nota aparte* a uma carta que havia escrito no dia anterior e que aparece no Apêndice, ao final do livro, dando vida a um fato que suas palavras descreviam como ficcional. Arguedas morreria quatro dias depois num hospital e o livro sairia editado, dois anos mais tarde, pela Editora Losada, da Argentina.

O romance foi recebido friamente pela crítica de então (em contraste com a polêmica gerada meses antes, quando se publicaram trechos dos diários na Revista *Amaru*, editada pelo curso de Engenharia da Universidade de São Marcos, Lima), que privilegiou os aspectos psicológicos e biográficos do texto sobre os literários. Uma das razões dessa atitude pode ser encontrada no ostracismo a que foi relegado Arguedas pela Junta Militar que dirige o País a partir dos anos 70, banindo seu nome dos cânones escolares, por motivos políticos; uma outra pode ser entendida pela associação que comumente se fazia desse autor com uma corrente literária conhecida como Indigenismo e o estranhamento que sua novela provoca em função dessa filiação.

Uma vez que o livro apresenta uma mudança radical em relação às suas obras anteriores, provoca reações adversas e chega a ser considerado uma obra inacabada e até fétida, reveladora da atração que sentia Arguedas pelo "asqueroso" que, de acordo com alguns críticos, o autor já havia manifestado em obras anteriores.

O livro recebe, neste primeiro momento, poucas menções favoráveis, como a expressada por Antonio Cornejo Polar nas palavras em que abre o capítulo dedicado ao exame do romance, em *Os universos narrativos de José María Arguedas* (1973): "No puede leerse El zorro de arriba y el zorro de abajo sin estremecimiento, sin pavor – sin reverencia –" (Cornejo Polar, 1973). O crítico peruano ressalta a relação palavra-vida em contraposição ao binômio silêncio-morte como elemento central do livro, que se estrutura em três níveis interdependentes: o novelesco, o biográfico e o mitológico. A representação dos tipos e personagens que desfilam pela obra compõem o que Cornejo chama de "universo caótico de Chimbote", pois eles tratam de sobreviver num mundo sem esperanças, que o próprio autor sentia como sendo seu. A língua se torna um campo de batalha e sua posse é sinônimo de ascensão ou inclusão social para vários personagens ou grupos de personagens envolvidos. O romance, segundo o crítico, constitui-se no passo seguinte e necessário dentro do projeto arguediano de escrever uma obra que se caracterizava "como un proceso de ampliaciones sucesivas", ou seja, que começa com a descrição de pequenos conflitos no universo binário de uma aldeia serrana (*Agua*, 1935); avança pela capital provincial (*Yawar Fiesta*, 1941) e cruza um território serrano mais amplo, com sua recusa do índio e do mestiço (*Los ríos profundos*, 1958); passa pelo tema do nacional, desenvolvendo-se na serra ao mesmo tempo que anuncia sua descida à costa (*Todas las sangres*, 1964), e tinha que, inevitavelmente, encontrar-se com a cidade urbana costeira, Chimbote, imersa na realidade internacional do capitalismo imperialista, e o que isso significava para o Peru e para uma imensa massa de migrantes envolvidos (Cornejo Polar, 1973).

Aos 30 anos da sua morte, o último livro de Arguedas, tão profético quanto escatológico, dadas as inumeráveis previsões e projeções que guarda, permanece um enigma e nos impõe uma volta atrás, no tempo, para recuperar as circunstâncias em que foi escrito, esperando com isso encontrar algumas chaves para sua leitura.

Em janeiro de 67, Arguedas foi a Chimbote em busca de material para realizar um estudo folclórico, encarregado pela Universidad Nacional Agrária de la Molina, onde estava contratado como professor principal. No *Informe nº. 1*, escrito em 26 de maio, que entrega ao prof. Luis Alberto Ratto, chefe do Departamento de Humanidades, e ao decano da Facultad de Ciencias Sociales, Jorge Bravo Bressani, ele relata os planos sobre a investigação que pensava realizar ali:

Mi viaje a Chimbote fue planeado con el objeto de recoger material folklórico, especialmente sobre la difusión del mito quechua post-hispánico que hemos denominado ADENEVA sobre la creación del hombre y el origen de las diferencias sociales que se implantaron en la región como consecuencia de la conquista española. Me vi precisado a elegir la ciudad de Chimbote en razón de que, por estar recién operado de la vesícula, no podía trabajar en una aldea andina, como habría sido más conveniente para los fines de mi cargo en la Facultad (Arguedas, 1996: 385).

E seguem suas explicações sobre o motivo da mudança de planos:

Pero me encontré con que la ciudad de Chimbote es una especie de gran remolino social en el que grupos emigrados de diferentes zonas de la costa y de la sierra han entablado un estado de relaciones especialísimas, determinadas, al parecer, fundamentalmente, por sus diferentes formaciones culturales. Los tipos singulares de agresividad y cooperación entre costeros y serranos sobresalían a la simple observación, en tanto que una recopilación folklórica resultaba muy difícil por las mismas circunstancias ya señaladas cuanto porque el emigrante de habla quechua padece en Chimbote, aunque probablemente no tanto como en Lima, de una fuerte presión social que lo induce a negar que domina tal idioma (Arguedas, 1996: 385).

Cabe ressaltar, no entanto, que o interesse de Arguedas pelas transformações que a nascente indústria pesqueira estava promovendo na costa peruana já era de seu conhecimento, pois desde as décadas de 40 e 50 veraneava num pequeno porto conhecido como Supe, a 170 km. de Lima, e viu de perto a chegada de numerosas fábricas de farinha de peixe à região. Ele havia começado a escrever um romance sobre o tema das transformações que se produziam nas vidas dos pescadores, três anos antes, em 64, que tinha como título *Harina Mundo*; o segundo título que a obra deveria receber, *Pez grande*, aparece no segundo semestre de 96 e é abandonado no começo de 97. Escrevendo ao antropólogo americano John Murra, em 1º. de fevereiro daquele ano, Arguedas revela os primeiros dados que já havia recolhido na cidade, além de contar de seu estado de ânimo:

He estado 15 días en Chimbote. Es casi exactamente como Lima; tiene como 40 barriadas; el 70% de la población es de origen andino; la masa de inmigrantes serranos es proporcionalmente mayor que la de Lima y no tiene la tradicional aristocracia criolla; esta masa que vive separada aún de la costeña, se acerca a ella por canales menos dolorosos de transitar que en Lima. He trabajado afiebradamente durante esos quince días, creyendo siempre que la muerte andaba a mis espaldas; pero, salvo en Huancayo, nunca sentí tan poderosamente el torrente de la vida (Arguedas in Murra e López Barralt, 1996: 141-142).

José María regressa várias vezes a Chimbote para realizar uma extensa pesquisa, onde levanta dados sobre a ocupação e a procedência de 6.405 pessoas, além de entrevistar donos de lancha, pescadores, prostitutas, gerentes de fábricas, trabalhadores, vendedores ambulantes, motoristas de caminhões que transportavam a farinha de peixe, padres norte-americanos e pais de famílias. No final do ano de 67, em dezembro, escreve uma carta a Gonzalo Losada, seu editor de Buenos Aires, em que lhe fala do projeto do livro e lhe pede ajuda financeira para viajar a Montevideo e tratar-se com um psiquiatra uruguaio. Nela, se refere a seu livro como um "*proyecto bueno pero no seguro*", em razão de seus problemas físicos e acrescenta:

Si yo logro reponerme solamente un poco es posible que escriba una novela que sería la culminación del proceso de revelación de este mundo tan intrincado y fascinante que es el Perú, revelación que se fue haciendo cada vez más vasto, desde "Agua" hasta "Todas las Sangres" – no sé si igualmente profundo en "T.L.S." –. Mi cuerpo está como especie de batería: requiere sólo una pequeña carga inicial para que se eche a andar y vaya acumulando y transformando una creciente cantidad de energía. Si logro escribir un solo capítulo no me para nada. Tengo, por fin, desde hace unos quince días, armada la concepción general de la obra y hasta un título, todavía provisional, "El zorro de arriba y el zorro de abajo". No le habría escrito esta carta si no hubiera logrado armar el esqueleto de la novela. Me ha costado más de un año de armar y desarmar incontables veces. La traducción de los maravillosos mitos quechuas recogidos por el Padre Avila a fines del siglo XVI en la provincia de Huarochirí, me dejaron casi sin fuerzas y determinaron en gran parte que se desencadenaran las circunstancias que me llevaron a ese malhadado accidente; pero en la entraña de esos mitos he encontrado la clave que resolvió la maraña en que se había convertido el plan de mi nuevo relato. Trataremos de encontrar un modo activo, real, agudo y cargado de sustancias de mostrar un universo que ha cambiado, no tanto como aparentemente parece, desde esa edad del mito hasta ésta en que, aparentemente, lo más temido es al mismo tiempo la mayor riqueza que posee el ser humano (Arguedas, 1996: 390).

Em nova carta a Murra, de junho de 68, afirma estar "escribiendo en estado de plena agonía mi novela sobre Chimbote", e a Alejandro Ortiz Rescaniere, antropólogo e filho de seu amigo Ortiz Reyes, Arguedas escreve, em agosto do mesmo ano:

He estado muy mal. Vine de Chile muy alentado. Pude escribir allá dos capítulos de mi nuevo libro. Pero en Lima, en mi casa otra vez, y con la Universidad encima, otra vez se acrecentó la depresión en forma peligrosísima. Estaba seguro que no había otra salida que un buen balazo. Emilio Adolfo (Westphalen) me dijo hace dos días que el segundo capítulo es muy bueno. Así me pareció cuando lo escribí, pero quedé como aterrado hace unos días al leerlo. Me pareció artificioso el lenguaje, incapaz de transmitir el contenido tan denso, diría que terrible y hermoso a la vez. ¡Chimbote, el universo más espantoso y fuerte al mismo tiempo! Serás bárbaramente feliz cuando lo conozcas (Rescaniere, 1996: 268).<sup>1</sup>

Os diários, que intercalam a narrativa do relato, refletem as vacilações, os estados depressivos e eufóricos que experimenta o autor nesse período; o *¿Último Diario?*, ainda que escrito em 20 de agosto de 69, é uma despedida da vida e dos amigos, além de constituir uma relação com as disposições para seu "retiro", pois já havia tomado a decisão de suicidar-se ao término do livro:

He luchado contra la muerte o creo haber luchado contra la muerte, muy de frente, escribiendo este entrecortado y quejoso relato. Yo tenía pocos y débiles aliados, inseguros; los de ella han vencido. Son fuertes y estaban bien resguardados por mi propia carne. Este desigual relato es imagen de la desigual pelea. (...)

Despidan en mí un tiempo del Perú. He sido feliz en mis llantos y lanzazos, porque fueron por el Perú; he sido feliz con mis insuficiencias porque sentía el Perú en quechua y en castellano (Arguedas, 1996: 243-246).

Palavras que serão acompanhadas destas outras, escritas ao editor Gonzalo Losada, quando comenta a viabilidade do livro:

Ha sido escrito a sobresaltos en una verdadera lucha - a medias triunfal - contra la muerte. Yo no voy a sobrevivir al libro. Como estoy seguro de que mis facultades y armas de creador, profesor, estudioso e incitador, se han debilitado hasta quedar casi nulas y sólo me quedan las que me relegarían a la condición de espectador pasivo e imponente de la formidable lucha que la humanidad está librando en el Perú y en todas partes, no me será posible tolerar ese destino. O actor, como he sido desde que ingresé a la escuela secundaria, hace cuarentitrés años, o nada (Arguedas, 1996: 250).

Finalmente, em suas últimas palavras, escritas um dia antes de atentar contra sua vida, e anexadas à carta destinada ao Reitor da Universidad Agraria e aos estudantes, revela pela derradeira vez o caráter do homem que sempre se preocupou com seus semelhantes:

Elijo este día porque no perturbará tanto la marcha de la Universidad. Creo que la matrícula habrá concluido. A los amigos y autoridades acaso les hago perder el sábado y el domingo, pero es de ellos y no de la U (Arguedas, 1996: 255).

Arguedas buscava para o livro um novo estilo (que diz haver encontrado a partir do capítulo 3) e profetiza a Murra o que muitos estudiosos registrariam como uma das mudanças proporcionadas por *El zorro de arriba y el zorro de abajo*: "Ojalá podamos ofrecer un testimonio de este tiempo en que vivimos un poco como ángeles y otro poco como condenados" (Murra e López Barralt, 1996: 188). O nascimento do testemunho na narrativa latino-americana vem acompanhado de uma obra - que é, paradoxalmente, terminal e inicial ao mesmo tempo, "tanatográfica" (Moreiras), "un hirviente y silencioso enigma" (Cornejo Polar) - e de um corpo, o do próprio autor, entrelaçados e inexplicados, numa tentativa mútua de se entender e se completar, de preencher seus vazios; um enigma do qual não poderão se desviar os que se lançarem a examinar a fantástica aventura literária deste Continente, e que estarão olhando fixamente para uma obra que, possivelmente, selou a divisão do tempo latino-americano entre a modernidade e a pós-modernidade.

NOTA:

1. Para uma verificação mais completa do estado de Arguedas, durante o período de 18 meses em que escreve o livro, ver *El zorro de arriba y el zorro de abajo en la correspondencia de Arguedas*, de sua esposa Sybila Arredondo de Arguedas, publicado na edição crítica de Eve Marie-Fell, pags. 275 a 295.

ABSTRACT:

*This essay aims at an accomplishment of a critical analysis of José María Arguedas' s last book, El zorro de arriba y el zorro de abajo, starting from the hypothesis that this novel is presented as a report made by people in motion. This crossing from one towards another period of life does not refer only to space, but mainly to time, that is, from tradition to modernity.*

Key words: *José María Arguedas, zorros, modernity, pachachaca, Latin America.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

## Obras de José María Arguedas

*Obras completas*. Lima: Editorial Horizonte, 1983. (5 tomos)

*Índios, mestizos y señores*. Lima: Editorial Horizonte, 1989.

*El zorro de arriba y el zorro de abajo*. Edición crítica de Eve-Marie Fell, Colección Archivos. Madrid: Fondo de Cultura Económico/Alca XX, 1996.

*El zorro de arriba y el zorro de abajo*. Buenos Aires: Editorial Losada S.A., 1971. (texto da segunda edição[xerox])

## Correspondência

Arguedas, Sybila Arredondo de. *El zorro de arriba y el zorro de abajo en la correspondencia de Arguedas*. In: *El zorro de arriba y el zorro de abajo*. Edición crítica de Eve-Marie Fell, Colección Archivos. Madrid: Fondo de Cultura Económico/Alca XX, 1996.

Rescaniere, Alejandro Ortiz. *José María Arguedas. Recuerdos de una amistad*. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 1996.

Murra, John V.; López-Baralt, Mercedes. *Las cartas de Arguedas*. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 1996.

## Ensaio crítico sobre a obra de JMA

Cornejo Polar, Antonio. *Los universos narrativos de José María Arguedas*. Lima: Editorial Horizonte, 1997.

Cornejo Polar, Antonio. *Una heterogeneidad no dialéctica: sujeto y discurso en el Perú moderno*. In: Revista Iberoamericana. Vol. LXII, núms. 176-177, julio-diciembre 1996, ps. 837-844.

Cornejo Polar, Antonio. *Un ensayo sobre los zorros de Arguedas*. In: *El zorro de arriba y el zorro de abajo*. Edición crítica de Eve-Marie Fell, Colección Archivos. Madrid: Fondo de Cultura Económico/Alca XX, 1996.

Fell, Eve-Marie. *Introducción de la coordinadora e Nota sobre el texto y nuestra edición*. In: *El zorro de arriba y el zorro de abajo*. Edición crítica de Eve-Marie Fell, Colección Archivos. Madrid: Fondo de Cultura Económico/Alca XX, 1996.

Forgues, Roland. *José María Arguedas: del pensamiento dialéctico al pensamiento trágico. Historia de una utopía*. Lima: Editorial Horizonte, 1989.

Forgues, Roland. *Por qué bailan los zorros*. In: *El zorro de arriba y el zorro de abajo*. Edición crítica de Eve-Marie Fell, Colección Archivos. Madrid: Fondo de Cultura Económico/Alca XX, 1996.

Larco, Juan. *Recopilación de textos sobre José María Arguedas*. Serie Valoración Múltiple. La Habana, Cuba: Ediciones Casa de las Américas, 1976.

Lienhard, Martin. *Cultura andina y forma novelesca. Zorros y danzantes en la última novela de Arguedas*. Lima: Editorial Horizonte/Tarea, 1990.

Lienhard, Martin. *La "andinización" del vanguardismo urbano*. In: *El zorro de arriba y el zorro de abajo*. Edición crítica de Eve-Marie Fell, Colección Archivos. Madrid: Fondo de Cultura Económico/Alca XX, 1996.

Pinilla, Carmen María. *Arguedas: conocimiento y vida*. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 1994.

Rowe, William. *Mito e ideología en la obra de José María Arguedas*. Cuadernos del Instituto Nacional de Cultura n° 3. Lima, 1979.

Rowe, William. *Ensayos arguedianos*. Lima: Centro de Producción Editorial de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos/SUR Casa de Estudios del Socialismo, 1996.